

ENTRE FALAS, DESENHOS E LEITURAS: A CRIANÇA COMO SUJEITO DE PESQUISA.

Autor: Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Resumo:

A preocupação e/ou interesse, em relação aos modos como as crianças percebem e interpretam aspectos do mundo onde vivem, tem se intensificado nas últimas décadas. Essa preocupação tem se reverberado para as pesquisas educacionais e acadêmicas. O presente trabalho tem como objetivo mostrar como a criança pode ser sujeito de pesquisa, explicitando as falas e os desenhos delas sobre o ato de ler. Nosso estudo envolve, portanto, assumir as crianças como sujeitos de investigação e suas próprias compreensões sobre aspectos da vida social como legítimas e relevantes como “objeto”/ “sujeitos” de investigação. A pesquisa assumiu, como aportes teórico-metodológicos, os princípios da abordagem qualitativa e as proposições de L. S. Vygotsky sobre processos humanos e de M. Bakhtin para a pesquisa nas Ciências Humanas, segundo os quais é preciso considerar que os estudos tratam não de objetos dados, mas de processos em permanente mudança, constituídos em relações de mediação. Utilizamos como procedimentos metodológicos a análise dos discursos e desenhos de crianças, como forma de compreender a leitura por diversos sentidos e visões. Em nosso estudo as crianças foram sujeitos de pesquisa, suas falas e desenhos foram analisados e essas tornaram-se ativas no processo de construção de sentidos sobre o mundo. Tal análise, nos mostrara como resultados, que as crianças, interagem com práticas diversas de leitura, inventando espaços percebendo que a linguagem vai muito além dos espaços e práticas da instituição de Educação Infantil, mas é vivida de modo sistematizado e individual por cada uma. Esses resultados podem ser percebidos em seus discursos, ações e representações.

Palavras-chave: Criança, Leitura e Sentidos

Introdução

A preocupação e/ou interesse em relação aos modos como as crianças percebem e interpretam aspectos do mundo onde vivem tem se intensificado nas últimas décadas, mobilizada pelas transformações nos modos de conceber a criança, a infância e sua inserção na vida social. Essas transformações, impulsionadas por mudanças na sociedade em geral nos âmbitos social, econômico, político e cultural, vem se processando ao longo do século XX e, de modo mais intenso, nas últimas décadas, bem como neste início do século XXI.

Além de tais mudanças, as transformações nos modos de compreender a criança e seu lugar nas relações sociais como sujeitos distintos dos outros indivíduos em diferentes ciclos de vida derivam de estudos realizados em diversos campos científicos, tais como a Filosofia, a História, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, sobretudo a Sociologia da infância e, mais recentemente, os Estudos Culturais.

Esses estudos, produzidos com focos e abordagens diversos, têm colaborado para a construção de uma compreensão de criança que busca superar as visões estritamente biologizantes e, ao mesmo tempo, racionalistas, das quais emanavam modos de pensa-la como ser abstrato, ideal, universal, genérico e fragmentado, incompleto em relação ao adulto e, portanto, incapaz e absolutamente dependente.

Considerando a concretude de sua existência, a integralidade de sua constituição como pessoa, bem como sua contemporaneidade, esses estudos têm concebido a criança em sua inteireza, em sua globalidade, como nos aponta Wallon (apud Nascimento, 2010). Assim, tanto são consideradas, tanto sua dimensão biológica, quanto sua “natureza” histórica e sociocultural, do que resulta sua singularidade como sujeito, fruto de sua história pessoal (PINO, 2005).

Nesses termos, como propõe Zabalza (2008), é possível reconhecer que as crianças, embora sejam, todas e cada uma, sujeitos singulares, apresentam características comuns, como vulnerabilidade e dependência em relação aos sujeitos mais experientes, ao mesmo tempo que são capazes de aprender e se desenvolver, de se comunicar por meio de diversas linguagens, de se relacionar com os outros, de agir com relativa independência em diversas situações, produzir outras visões da realidade, pela fantasia e imaginação. De modo semelhante, ao afirmar que todas as crianças brincam, imaginam e recriam a realidade, Sarmiento (2007, p. 35) afirma que todas as crianças do mundo, mesmo em diferentes culturas, têm algo em comum.

Desse conjunto de teorizações vem se compondo uma visão de criança enquanto sujeito humano, que, enquanto tal, não se constitui apenas com base em fatores genéticos, internos ou naturais; ao contrário, as concepções elaboradas nos âmbitos científicos referidos nos afirmam uma criança que se desenvolve como pessoa – com sua subjetividade e identidade únicas – em seu contexto histórico, nas relações sociais, em condições objetivas e diversas de vida concreta, desde seu nascimento.

Assim, à tradicional e reducionista forma de entender a criança como ser que evolui naturalmente ou como simples reprodução do meio que a cerca, propõe-se uma concepção de criança que se desenvolve mediante sua inserção nas práticas da cultura e pela apropriação destas, o que promove sua constituição como pessoa desde os primeiros dias de vida, em processo mediado pelos outros e pela linguagem. A uma ideia de “criança como ser em geral”, afirma-se uma concepção de crianças como sujeitos plurais e singulares, com direito às necessárias condições para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades tipicamente humanas.



Nesses termos, à ideia de criança como ser incompetente, contrapõe-se a concepção de criança como sujeito competente que, desde o início da vida, é capaz de (inter)agir com os outros, de se comunicar, de significar o que os outros lhe “comunicam”, de produzir cultura mediante a construção de sentidos próprios para os objetos, sujeitos e relações com os quais interage; de (re)criar visões peculiares do mundo e de si mesmo, construções essas caracterizadas pela ludicidade, pela fantasia e imaginação. (KRAMER, 2007).

Com base em um recorte de uma pesquisa de mestrado, o presente trabalho tem como objetivo explicar acerca das crianças como sujeitos de pesquisa, apresentando suas falas e desenhos como centro de análises sobre o ato de ler. Nosso estudo envolve, portanto, assumir as crianças como sujeitos de investigação e suas próprias compreensões sobre aspectos da vida social como legítimas e relevantes como “objeto”/ “sujeitos” de investigação. O estudo assumiu, como aportes teórico-metodológicos, os princípios da abordagem qualitativa e as proposições de L. S. Vygotsky sobre processos humanos e de M. Bakhtin para a pesquisa nas Ciências Humanas, segundo os quais é preciso considerar que os estudos tratam não de objetos dados, mas de processos em permanente mudança, constituídos em relações de mediação que precisam ser aprendidas; que tanto o objeto, como sua compreensão, são produções discursivas, são textos; o pesquisador e os pesquisados são sujeitos em interação. Apresentaremos discursos e desenhos que representem a leitura como fonte de prazer na perspectiva de crianças.

Nosso estudo envolve, portanto, assumir as crianças como sujeitos de investigação e suas próprias compreensões sobre aspectos da vida social como legítimas e relevantes como “objeto” de investigação.

Dentre os diversos objetos/práticas da cultura com os quais as crianças interagem, sobretudo as que vivem em ambientes letrados, destacou-se, para nós, em meio às nossas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, a linguagem escrita, prática cultural tão presente nos meios urbanos e, por conseguinte, na vida de muitas das crianças, ainda que de modos diferenciados, dadas as diferenças de suas condições socioeconômicas e culturais. A consideração de que essas diferenças marcam, não apenas as condições nas quais as crianças experimentam a linguagem escrita, mas os modos como a significam – os significados e sentidos que elaboram sobre ela – nos levou a definirmos, como objeto de estudo, os sentidos atribuído à leitura por crianças que convivem no contexto de uma instituição de educação infantil, espaço onde vivem parte de suas vidas em interação com outros e, de modo mais intencional e sistematizado, com objetos da cultura, dentre estes, a linguagem escrita, com suas práticas de ler e escrever.



A opção por um estudo que privilegia as crianças como sujeitos e suas elaborações/seus sentidos acerca de um dado “objeto” cultural envolve reconhecê-las como sujeitos capazes, incluindo suas participações nas práticas da infância, bem como suas visões acerca dessas práticas, indo ao encontro do que foi proposto por Sarmiento (2007, p. 45) em relação aos “aspectos epistemológicos que se encontram em jogo na investigação dos mundos sociais da infância e contrapor: ao entendimento das crianças como objetos de conhecimento social, a perspectiva das próprias crianças como sujeitos do conhecimento”.

Consideramos, portanto, que o que as crianças pensam e dizem é importante para a compreensão e estruturação das práticas das quais participam, ou seja, os sentidos que elas atribuem às “coisas” do mundo e a si mesmas são parte relevante das significações que tais objetos têm na sociedade. Portanto, reconhecemos e assumimos como legítima e relevante a participação das crianças na composição da pesquisa – de seu processo e de seus resultados.

As pesquisas com crianças

As pesquisas com crianças, embora recentes na área da educação, têm se intensificado de modo significativo, vinculadas ao reconhecimento da criança como sujeito capaz, a “criança rica, que tem cem linguagens”, de que nos fala Malaguzzi (1999) e à crescente produção sobre as crianças como produtoras de cultura e sobre as culturas infantis e tem feito surgir discussões sobre metodologias mais adequadas à aproximação das crianças, à construção de dados a partir de seus próprios pontos de vista.

No Brasil, Rocha (apud CRUZ, 2006, p. 68) aponta os trabalhos de Cruz (1995), Gonçalves (1995) e Pacheco (1999) como exemplos iniciais e ainda raros de pesquisa que dão voz às crianças. Registramos que, antes destes, o estudo de Carvalho (1990) ouviu crianças com idades entre seis a nove anos, considerando-as como sujeitos da pesquisa e seus “saberes” como relevantes para as práticas escolares.

Destacamos, dentre as pesquisas que ouvem crianças, especialmente pela temática, a pesquisa “Qualidade da Educação Infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito”, desenvolvida em 2004 pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação e o Movimento Interfóruns de Educação Infantil (Mieibi), e coordenado pelas Professoras Maria Malta Campos, Maria Rita Coelho, publicada em 2006, que iniciou a abertura, já em curso em outras partes do mundo, da possibilidade de ouvir crianças em investigações. Nesse estudo, foram ouvidas 254 crianças, por meio de

entrevistas coletivas, com idades entre quatro e seis anos de creches e pré-escolas, por meio de entrevistas coletivas. Além desse estudo, o livro organizado por Cruz (2008) “A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas” reúne relatos resultantes de diversas investigações, nas quais, com temas diversos, a criança é tomada como sujeito coparticipante-“informante”.

Em estudo sobre “pesquisas com criança” Martins Filho (2011) levantou, a partir dos registros de reuniões da ANPED entre 1999 e 2009, 38 trabalhos. Kramer (2011) afirma a importância de ouvir crianças e assume a observação e a entrevista como modos de apreender suas vozes. Pereira (2012) discute as peculiaridades das pesquisas com crianças. Fundada na perspectiva de M. Bakhtin, a autora afirma que as pesquisas que assumem as crianças como sujeitos diferem qualitativamente das pesquisas que não o fazem, implicando ao pesquisador a compreensão dos lugares diferenciados que ocupam nas relações sociais e na própria pesquisa, como adultos e crianças, e que “Na presença da criança, o pesquisador buscará novas estratégias de diálogo a partir das pistas que a criança lhe dá da compreensão que está tendo da pesquisa”. (PEREIRA, 2012, p. 76).

As pesquisas com crianças já fazem parte do contexto acadêmico há muito tempo. Desde os anos 60, com o desenvolvimento de pesquisa com a sociologia da infância, quando a criança passa a ser considerada como sujeito, ela passa a ser observada, descrita, analisada e interpretada. No entanto, a pesquisa com crianças era e ainda é realizada com base em interpretações e visões adultas. Extraídas de observações de contextos no qual as crianças participam.

A necessidade de considerar a visão das crianças é de suma importância, pois, de acordo com Campos (2008), é a partir de suas vozes e dos seus discursos que medidas de proteção e atendimento mais pertinentes à elas serão tomadas pelas equipes de intervenção, que permeiam as práticas das crianças. Em nosso contexto de pesquisa, somente a partir da reflexão sobre as visões das crianças sobre a leitura é que será possível a reflexão sobre os modos de como trabalhar e estruturar o trabalho com a leitura na Educação Infantil.

Para melhor ouvir e interpretar os discursos das crianças é necessário saber relacionar as respostas delas com o ambiente no qual vivem e construir estratégias comunicativas, estabelecer uma troca comunicativa, promovendo o compartilhamento de pontos de vista entre a criança e o adulto pesquisador.

A ênfase na escuta justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Dessa forma, considera-se que as

crianças não só reproduzem, mas também produzem significações acerca da sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência (ROCHA, 2008 p. 46).

Considerando a ênfase que necessita ser dada às crianças como produtoras de sentidos sobre um ato ou ação, definimos algumas diretrizes metodológicas que deram subsídios necessários para a formulação de linhas de pensamento sobre a leitura, nas vozes das crianças.

Necessitamos considerar que a pesquisa com crianças tem sua origem no conceito de linguagem. Para Bakhtin (2003), a palavra é um signo ideológico. Como signo, a palavra, ou o discurso, como estamos considerando em nosso texto, adquire sentidos diversos, dependendo da historicidade de quem fala. Os sentidos, portanto, são gerados no campo dos sistemas sociais ideológicos e tem uma trajetória formada pelas diferentes vivências de cada sujeito.

É importante considerar que a classe social, os indicadores socioeconômicos, a inserção e as práticas sociais e culturais de leitura oferecem o material concreto para as relações que vão sendo estabelecidas com o objeto de significação. Deste modo, na pesquisa com crianças, precisamos compreender e tecer formas de olhar diferentes da pesquisa com os adultos. Desse modo, precisamos mais do que “dar Voz”: é preciso uma escuta atenta dos discursos e observar as interações existentes nas falas das crianças com a realidade social vivida por elas.

Na pesquisa com crianças, a análise se desloca para o modo como a criança, pela leitura, se relaciona com a cultura de seu tempo, de seu lugar, bem como com a cultura e o lugar do outro. A perspectiva que adotamos ao pesquisar com e para as crianças é a de que criança é um ser que se apropria da linguagem como um bem cultural, em um processo histórico e social. Tomamos como base os pressupostos de Bakhtin (2003) a respeito da natureza social da linguagem e de seu lugar na interação entre os homens.

Os discursos apresentados pelas crianças são constitutivos de enunciados, funcionam como signo ideológico e como uma unidade sensível de estruturação das relações vividas no social. A partir de questionamentos acerca do ato de ler, foi possível não apenas falar sobre o que as crianças pensam, mas também como elas significam a leitura.

Os discursos das crianças (que formam os eixos de sentidos) se cruzam e trazem para a interlocução elementos e outras possibilidades de comunicação, tornando esses discursos um processo de elaboração dos sentidos pelas próprias crianças. Cada sujeito pesquisado produziu enunciado a partir do seu olhar. Destacaremos um recorte da pesquisa no qual as crianças exploram a leitura com um sentido de prazer e deleite. Assim temos a oportunidade de por explorar os sentido das crianças por meio de suas falas e desenhos.



Sentidos de crianças: a leitura como prática de linguagem

A leitura, como prática de linguagem, de produção de sentidos sobre/com textos escritos é, ao mesmo tempo, uma prática social e a atividade mental de um “eu”, um trabalho simbólico e fundamentalmente dialógico (BAKHTIN, 2003) em que se confundem os turnos, misturam-se as vozes. Essas vozes marcam o gosto e o desejo da criança pela leitura, podendo se tornar uma atividade de deleite.

No decorrer das análises dos discursos realizados, a leitura, com esse sentido de fruição e deleite aparece pouco nos discursos das crianças. Como já relatamos, o sentido de uma leitura voltada para aprendizagem permeia grande parte dos discursos delas. No entanto, por meio das “misturas de vozes”, a leitura, em alguns momentos, apresenta um sentido bem definido, o sentido da leitura como atividade de prazer.

As crianças estão imersas em ambientes letrados, cujas práticas com a leitura e a escrita são diferenciada, em função da organização social mais ampla, das desigualdades presentes nos modos de acesso ao que, onde e para que se pode escrever e ler como práticas da cultura. Desse modo, os sentidos que se produzem nas crianças acerca da leitura são diversos e também semelhantes em relação ao que se propaga nas teorias, nas escolas e até mesmo no senso comum. É sabido que a leitura de textos escritos envolve a apropriação de conhecimentos, procedimentos, regras, convenções relativas ao funcionamento do sistema de escrita alfabético. Mas, para que se estabeleça uma boa relação com a leitura, é necessário, além desses domínios, que os sujeitos desenvolvam atitudes favoráveis em relação à leitura (BATISTA et al, 2006), o que está vinculado aos interesses e às curiosidades das crianças em relação ao ato de ler e às sensações e sentimentos que a leitura lhes desperta.

No caso das crianças, essas atitudes estão vinculadas à possibilidade de as leituras que lhes são propostas estejam articuladas com a ludicidade, a imaginação, a criação, a brincadeira.

Os discursos das crianças nos mostram essa visão de leitura como deleite em uma perspectiva de trânsito do real para a fantasia. É importante considerar que o desenvolvimento de atividades de/com leitura na Educação Infantil não visem, de modo direto e estrito, a alfabetização precoce, mas o intuito de oportunizar para as crianças a possibilidade de entrar em contato com palavras, significados, mundos atraentes a elas. Nesse experimentar, os elementos mais técnicos do

sistema irão se tornando familiares, significativos e até lúdicos, como vimos no relato sobre a “sopa de letrinhas”.

Sendo assim, as crianças têm a oportunidade de experimentar a dimensão estética da linguagem. Essas experiências com a leitura como forma de deleite são percebidas nos discursos das crianças apresentados abaixo.

Ler é bom! Eu leio um monte de vezes na escola

Livros, jogos e todas as coisas divertidas.

Gosto de ler com a minha mãe, quando eu vou dormir [...]

(1ª entrevista individual Luís Fernando Veríssimo - 11/04/2015).

Ler é legal e parquinho também!

É porque eu amo ler!

Porque eu leio as histórias das princesas e dos dragões. É bem divertido.

(1ª entrevista individual Elias José - 21/05/2015).

Ler é contar histórias legais, ver o caderno, ler os livros da sala... e eu não sei mais.

Eu posso ler qualquer coisa

Eu posso ler uma coisa da Cinderela (sic). Eu posso ouvir as histórias lindas que a professora conta.

(1ª entrevista individual Cecília Meireles - 10/04/2015).

A análise dos discursos das crianças nos faz refletir que a promoção de atividades de leitura com o objetivo de deleite pode fazer com que elas reflitam sobre mais uma função dos textos escritos em nossa sociedade. Também pode contribuir para a ampliação de seu universo interior, de suas subjetividades, com os conteúdos e formas dos diversos textos, inclusive, mas não exclusivamente, os textos literários que permitem às crianças adentrar em um mundo de fantasia, (re)criando e produzindo sentidos.

Ler por prazer significa estar imerso em um ambiente letrado sem que existam normatizações ou regras para o ato de ler. A leitura da palavra, frase, histórias jamais significou uma ruptura com a leitura trabalhada no contexto da Educação Infantil. Porém, ela necessita estar atrelada aos interesses das crianças para a fluidez do desejo de ler.

Observamos o prazer da leitura quando esta é feita por um leitor secundário. Seja este o professor ou outra criança. Esse prazer é possível ser percebido nas representações por desenhos expressas abaixo.

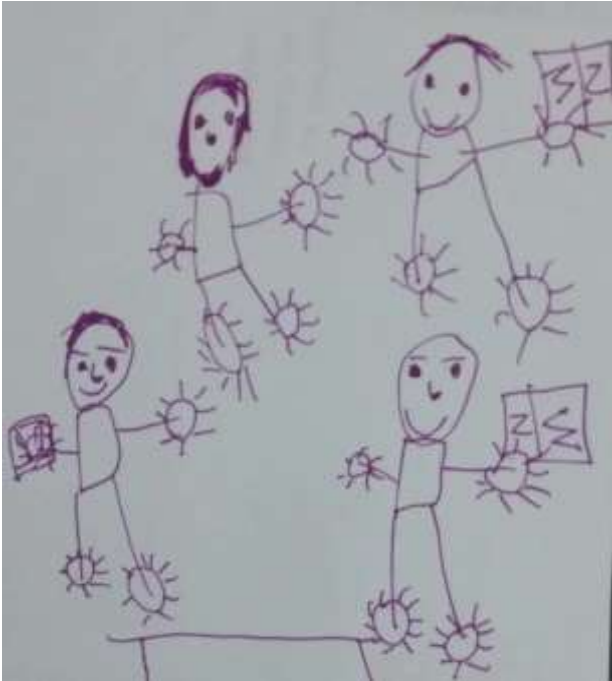


Legenda: Neste desenho a criança buscou representar ela própria e sua professora lendo uma história para ela.

Figura 09 - Desenho de Ruth Rocha

(2ª Entrevista Individual Ruth Rocha - 28/05/2015)

O desenho de Ruth Rocha nos remete a esse sujeito mais experiente, que é capaz de ler e que lê para os outros. O professor, adulto, é capaz de realizar o feito que ela como criança, ainda não é capaz. Assim, o desenho retrata o professor como o leitor e a criança como ouvinte-apreciadora da leitura, o que denota, também, o caráter sociocultural do domínio da leitura como de domínio as ações, das relações, bem como, de igual modo, da condição de participante, de pertença, em práticas sociais de leitura.



Legenda: A criança representou ela própria e seus amigos “aprendendo a ler” na sala com os livros.

Figura 10 - Desenho de Manuel de Barros
(2ª Entrevista Individual Manuel de Barros - 28/05/2015)

Um dos discursos sociais formulados pelas crianças pode ser percebido pelos desenhos aqui representados. Na Figura 10, no qual *Manuel de Barros* busca representar a si e a seus amigos “aprendendo a ler com os livros” na sala. Nesse desenho, a criança nos dá indícios da ideia de que a leitura está presente no cotidiano da turma de crianças, assim como é uma prática comum aquela instituição e que, por meio dessa prática, elas podem aprender a ler. Experiências como essas, que circundam os diversos setores da realidade social, fazem com que a criança estabeleça formas de pensar sobre a leitura, o que a torna uma prática importante para a vivência da criança na Educação Infantil.

A leitura efetiva por parte das crianças feita por prazer promove um contato direto com os discursos narrativos dos textos lidos. São os discursos narrativos ou de ficção que lhes chamam a atenção, pelo seu caráter lúdico. Dessa maneira, elas são capazes de fugir da sua realidade e criar sentidos próprios das práticas vivenciadas.

Esse sentido especial da leitura apontado pelas crianças nos fazem pensar que, pelo menos nesse CMEI/nosso campo de estudo, as práticas desenvolvidas parecem estar na direção apontada por Faria (2013, p. 19): “[...] a educação das infâncias sem antagonizar o lúdico e as culturas da escrita”. É o que as crianças revelam, mesmo quando em seus dizeres, os sentidos que emergem mostram a leitura como atividade fundamentalmente da escola.

A análise dos discursos das crianças nos faz refletir que o uso da leitura como um objeto de deleite faz com que elas reflitam sobre mais uma função dos textos escritos em nossa sociedade. Também faz com que saibam utilizar os livros para adentrar em um mundo de fantasia, recriando palavras, e diversos sentidos do mundo.

Considerações finais

As análises dos desenhos das crianças evidenciam ter outras marcas além de suas vivências na Educação Infantil. Colocadas por nós na posição de interlocutores, elas trouxeram para nossa conversa outras possibilidades de se compreender a leitura, o que nos lembra algo ressaltado por Vygotsky (2007), o qual afirma que no processo de elaboração dos sentidos pelas crianças, o evento ou a ação vai se revestindo de nuances diversas que formulam modos de significar a realidade vivida.

Assim, os sentidos que as crianças atribuem à leitura são múltiplos e diversos, tanto para a mesma criança, como para elas entre si. Esses sentidos se aproximam e se distanciam das significações consideradas “válidas” socialmente, cientificamente. Todavia, são sentidos que têm uma base nos significados que circulam nos meios onde as crianças vivem e são recriados, reinventados por elas. Enquanto produções que não são somente delas, mas mediadas pelo meio social, tais sentidos podem ser transformados, ampliados, na medida em que as crianças sejam consideradas como “leitoras” em suas experiências cotidianas e tenham oportunidades de “falar” sobre o que leem, para que leem e como leem em situações diferentes.

Consideramos que dar voz às crianças representou em nossa pesquisa muito mais do que as ouvir, mas assumi-las como sujeitos ativos na construção de visões acerca da leitura que ficam mais alargadas para nós adultos, agora que sabemos o que as crianças pensam sobre.

Acreditamos que considerar o que pensam as crianças pode contribuir para que as práticas pedagógicas possam propiciar a elas, já na Educação Infantil, um processo de formação leitora, por intermédio do acesso e a interação mediada com práticas de leitura, percebendo essa prática como uma inserção crítica nas práticas sociais.

Refletimos, por fim, que ao ouvir as crianças e considerá-las como sujeitos, estamos contribuindo para uma reflexão crítica acerca das propostas na Educação Infantil, visando tornar tais indivíduos partícipes das decisões que lhes dizem respeito nas instituições dessa área.



REFERENCIAS

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz (Org.). Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir as crianças? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Denise Maria de. A função social da escrita: o saber da criança, o fazer da escola. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal: UFRN, 1990 – 135 p.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. A gente não quer só comida, falam as crianças. In Consulta sobre qualidade da educação infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito. São Paulo: Cortez, 2006. Realização: Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Parceria: Mieib.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs) **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.